

ECOS

da Academia de Saberes



Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

Ano VIII - Nº 2 Abril 2014

Nesta Edição

Em Foco

- Mulher
- Notícias da Academia





Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

António Coutinho Dias e Maria Cacilda Marado

Nota: Escrito de acordo com a ortografia antiga.

Colaboradores desta edição

Aida Viegas
Albertina Vaz
Anne Bartlett
Conceição Neiva
Darlindo Lucas
Domingos Cardoso
Graciete Manangão
Isabel Maria Almeida
José Cachim
José Carreto Lages
Lindonor Silveirinha
Maria Cacilda Marado
Maria Celeste Salgueiro
Maria da Glória Simões
Maria Elisete Lebre
Maria Helena Fidalgo
Maria José Pereira
Maria José R. S. Coutinho Dias
Maria Vieira Sarrico
Sílvia Paradela

Editorial

É nosso desejo que as palavras do *Ecos da Academia de Saberes* tenham o sabor da primavera e os seus perfumes. E, tal como as flores nos inebriam e acalentam em mil cores, oxalá estes textos possam colorir os leitores. Quem os escreveu deu um pouco de si e, nas palavras, eventualmente, quis criar aromas.

Prestes a atingir a recta final - o ano lectivo está quase na última etapa -, a Academia de Saberes, agora com novos corpos sociais, continua a navegar em águas mais ou menos brandas. A vida faz-se com desafios e este é mais um dos que, certamente, nos farão crescer.

A todos os sócios, os votos duma época festiva com muita alegria e paz.

Maria Cacilda Marado

Notícias da Academia

A fábrica e o bairro social da Vista Alegre



Às dez horas do dia 27 de Janeiro, o “reino encantado” da Vista Alegre recebeu-nos com alguns pingos de chuva em sinal de boas-vindas.

Era, e em parte ainda é, um lugar mágico que se auto-bastava e onde havia de tudo: creche para as crianças, refeitório, cantina, barbearia, dormitório, enfermeiro permanente, médico à hora de saída dos trabalhadores, banda de música, teatro, assistente social, escola profissional, grupo de futebol, corpo privativo de bombeiros, quinta agrícola, mercado diário, casa dos farnéis, capela e habitações para os trabalhadores.

Pudemos ver o que ainda resta num passeio a pé pelo bairro social que foi construído nos terrenos anexos à fábrica e onde existem árvores exóticas conhecidas aqui por “belas sombras” como a que se mostra na fotografia.

Durante a visita à fábrica, guiada pelo Sr. Duarte José Fradinho, contactámos com as diversas fases do fabrico de uma peça de porcelana desde o enchimento dos moldes até ao controlo de qualidade.

Depois da observação do forno contínuo e do fabrico manual das pequenas pétalas com que se dá vida às flores de porcelana, entrámos no mundo exclusivo da pintura à mão onde se decoram as peças mais requintadas e valiosas que levam o símbolo “VA”.

Na Capela, que é monumento nacional, são dignos de admiração os azulejos que recobrem as paredes,





o tecto onde está pintada a árvore de Jessé, o presépio que figura no altar-mor e o túmulo de D. Manuel de Moura Manuel que foi bispo de Coimbra e mandou erguer esta Capela.

Depois do almoço, tomado no refeitório da Fábrica, alguns “resistentes” ainda foram conhecer o campo de futebol, o lugar onde se realiza a feira mensal e passear no pinhal da Murteira, que é bordejado por um braço da Ria de Aveiro.

DC

À descoberta das padeiras de Vale de Ílhavo



Entre semanas de chuva prolongada, o dia 22 de Fevereiro, sábado, foi um oásis de sol e de luz que nos acompanhou durante toda a caminhada que fizemos à descoberta de Vale de Ílhavo, a terra das padeiras que fabricam as famosas padas e os deliciosos folares.

Pouco depois das dez horas da manhã, iniciámos, na Vista Alegre, um passeio que, para além da paisagem bucólica, valeu pela hospitalidade das pessoas que nos receberam em suas casas e nos mostraram aquilo que fazem e produzem. Foi, por isso, uma viagem em que houve partilha de afectos, de saberes, de sentimentos e de humanidade.

A primeira paragem ocorreu em casa do artista João Alberto Capucho que nos recebeu, com bolinhos e vinho do Porto, no seu *atelier* onde pinta peças de porcelana com a mesma arte, perícia e sensibilidade dos tempos em que era profissional na Fábrica da Vista Alegre.

Depois de uma velha azenha, do lavadouro público e da capela antiga da Ermida, fomos ver a casa do

Paço da Ermida que a família Pinto Basto cedia para servir de palácio do Rei Herodes na representação do auto dos Reis que se realizava nesta povoação.

Em casa do Sr. Ferraz e da D. Filomena, padeiros de profissão, vimos os fornos e apreciámos umas fatias dos famosos folares acompanhadas por um vinho do Porto de beber e chorar por mais.

A próxima paragem foi em casa do Sr. João Lopes que nos recebeu, também, com folar e bolo-rei, e nos mostrou o seu fato de cardador que usou nos seus tempos de juventude.

Depois da fotografia de grupo junto à estátua que perpetua a figura da padeira de Vale de Ílhavo, chegou a hora do almoço preparado pela D. Mena que pertence à Confraria “As Sainhas de Vagos”.

No regresso, e antes de voltarmos a Aveiro, ainda houve tempo para nos “perdermos” nos Sete Carris do centro histórico da cidade de Ílhavo.

E este foi um belo passeio que honrou um lindo dia de sol como há muito não tínhamos o gosto de sentir.

DC

Viagem a Lisboa

As áreas de Comunicação e de Teatro organizaram uma visita cultural a Lisboa, nos dias 29 e 30 de Janeiro.

Já todos nós fomos a Lisboa pelo que, só por si, esta viagem não seria um acontecimento... mas foi e em cheio!

Viajámos pela A17, e a primeira visita que realizámos, após respectiva paragem técnica para cafezinho, etc, foi ao “Jardim dos Poetas”, em Oeiras.

Não é que, num inverno tão rigoroso como o deste ano, logo à hora da visita, a chuva parou e até o sol nos veio brindar com os seus raios?

O jardim é uma maravilha, pois cada poeta, devidamente enquadrado ao seu tipo de escrita, é digno de ser visitado por toda a gente. Muito bem pensado e executado...

Seguidamente, rumámos ao Inatel, onde decorreu o almoço, com o Tejo a nossos pés e o sol a alegrar a alma, foi uma bênção!

De tarde, ocupámos o tempo numa visita guiada à “Casa dos Bicos”, Fundação José Saramago. Não fosse a falta de tempo e estaríamos lá toda a tarde, dada a qualidade das coisas observadas e a excelente cultura da guia que nos acompanhou, que nos deixou embevecidos.





Seguiu-se o jantar que, tal como estava previsto, foi no “Hotel Zurique”, onde também pernoitámos. Após a refeição, partimos para a jornada teatral, que ia decorrer no “Teatro da Malaposta”, em Odivelas. A peça a que fomos assistir, por sugestão prévia da formadora Cláudia Stattmiller, designava-se “Tudo a Nu”. Todo o seu enredo acaba por se traduzir numa acérrima crítica ao próprio teatro!

Na manhã seguinte, rumámos aos Museus do Teatro e do Traje. Ambos instalados em estruturas adaptadas de Palácios antigos, vale bem a pena repetir a visita para melhor e mais em pormenor se apreciar o espólio exposto, especialmente pela sua riqueza e qualidade. Para além disso, os edifícios, muito bons, com seus jardins e matas envolventes, são bastante apelativos para que ali se passeie durante um dia ou uma tarde.

Almoçámos nas redondezas e, antes de regressarmos a casa, ainda restou tempo livre para cada um visitar ou passear como melhor entendeu, na zona da Praça do Comércio. Houve quem tenha subido ao “Arco da Rua Augusta”, donde se disfruta uma paisagem indescritível! Outros foram às compras, alguns optaram por uma visita ao “Museu da Cerveja”, ou foram ver uma exposição sobre a vida de Raul Rego na Câmara Municipal, ou ainda recordaram Fernando Pessoa no “Martinho da Arcada”. Mas também houve quem se ficasse pelas esplanadas da Praça, a refastelar-se com o bulício do meio ambiente.

E lá viemos para Aveiro, a horas, em bem e... até uma próxima!

Maria José

Ainda sobre a viagem:

Assim passámos dois dias com cultura, diversão, viagens e comidinha.

Elisete Lebre



Notas à margem

de um passeio organizado pelas áreas de Teatro e Comunicação

Dia 1

Chove...

Mas isso que importa!

(José Gomes Ferreira, *Chove*)

Oeiras, Parque dos Poetas. Lá dentro, entre árvores e pedras, nomes sonantes da literatura portuguesa esperavam por nós. Chovia sem parar. Uma chuva melancólica. Mas isso que importava? Os poetas sempre conviveram criativamente com a melancolia. Em frente, pois! Um pouco de aventura, seguindo pistas, identificando feições.

Se eu não estivesse a dormir
perguntava aos poetas

A que horas querem que vos acorde?

(Alexandre O'Neill, *Em pleno azul*)

De pé ou sentados, vultos imponentes olhavam-nos com granítica indiferença. Que é isso de acordar estátuas? Que é isso de dialogar com a frieza das pedras? Opinar sobre o trabalho do escultor, sim, ficava bem. Relembrar um ou outro verso, melhor ainda. Mas só mais tarde, já em casa, seria possível uma conversinha íntima com os poetas ali representados. O livro tirado da estante. O poema certo. Os olhos acordando as palavras.

Às vezes o mar é uma figura branca
cintilando entre os rochedos.

(Eugénio de Andrade, *Mar, Mar e Mar*)

Um interlúdio na agenda cultural. Depois do almoço, soube bem esticar as pernas, dar descanso ao guarda-chuva. Lá longe, fortes ondas batiam no Forte de São Julião da Barra. Espuma branca voando. A insustentável leveza da poesia.

A tarde foi dedicada a José Saramago. Na Casa dos Bicos, através da palavra e da imagem, buscou-se uma maior intimidade com o homem e com o escritor. Mas a verdadeira intimidade não estará no conhecimento da sua obra literária? No silencioso diálogo entre o leitor e o livro?

Todo o mundo é um palco

E todos os homens e mulheres meros actores.

(William Shakespeare, *As You Like It*)

À noite, no Centro Cultural Malaposta, assistimos à representação de *Tudo a Nu*, comédia da autoria de Michael Frayn. “Às vezes é mais divertido o que se passa nos bastidores do que o que se passa sobre o





palco”, afirmou o dramaturgo inglês ao explicar a génese desta sua obra. Uma obra bem estruturada, bem escrita, que foge ao banal, que inova. Afinal como se constrói um espectáculo? O que se esconde por detrás da representação de uma peça? De que modo evoluem as relações entre actores, técnicos e encenador ao longo de vários meses de trabalho? Michael Frayn decidiu pôr tudo isto a nu com muito humor e muito talento. Bravo, Teatro Malaposta, pela representação, pela encenação e pela escolha da peça!

Dia 2

A asa do tempo voando passa e varre a obra
do homem
de sobre a face da esquecida Terra.
(Almeida Garrett)

Museu do Teatro. Museu do Traje. Entre eles, a esplendorosa verdura de um jardim botânico. O poético respirar da natureza. No Museu do Teatro, uma simpática guia com o seu quê de atriz, o seu quê de contadora de histórias. A nossa curiosidade deambulando por entre trajes de cena, manuscritos, cartazes, fotografias, maquetes (e sei lá que mais!), embasbacando perante o inesperado, neste caso, a cadeira abacial de Almeida Garrett. Passámos pelo Museu do Traje esvoaçantes como seda, um olho na moda, um olho no relógio.

Felizmente há sítios onde as vassouradas do tempo não conseguem destruir a obra do homem.

Nota final

Shakespeare que me perdoe, mas não resisto, vou mesmo meter a colherada (ou será antes a penada?) no título de uma das suas famosas peças, rematando assim: tudo está bem quando corre bem e acaba bem.

Helena

Jardinagem

Como já vem sendo habitual, na terceira sexta-feira de cada mês, tem-se realizado o Clube de Jardinagem.

Fizemos abordagem a diversos temas entre os quais se destacam a poda de roseiras, enxertia por alporquia e plantação para alimentação de diversos tipos de raízes, rizomas e tubérculos.

Trocámos plantas, ideias e os saberes de cada um. Estamos abertos a mais academistas que queiram partilhar o seu conhecimento.

Maria Viera Sarrico

Visita de estudo ao Museu de Arte Antiga e Biblioteca Nacional de Portugal



Uma vez mais, a área do Património beneficiou de uma visita de estudo, organizada pelo formador, Dr.º José António Cristo. No Museu de Arte Antiga, foi efectuada uma visita guiada à exposição temporária Rubens, Brueghel, Sorraín – A paisagem nórdica do Museu do Prado. Na oportunidade e no mesmo Museu, foi apreciada na exposição a obra da oficina de Andrea del Verrochio “Virgem em o Menino”. Em paralelo com a obra de Cesare de Sesto, “Virgem com o Menino e S. João Batista, actual pertença do Museu de Arte Antiga, proveniente do Palácio da Ajuda.

Aproveitando o ensejo, visitou-se ainda a pequena exposição de marfins, igualmente merecedora de atenção.

Deslocámo-nos depois à Biblioteca Nacional para visitar a exposição temporária de Livros de Horas, o imaginário das devoções privadas, a qual integra um conjunto de vinte e quatro Livros de Horas, ricos em belas iluminuras.

Todo o grupo (39 alunos e professor) regressou satisfeito e enriquecido.

Maria Elisete Lebre





Grupo de Cantares

Lampreia, convívio, alegria e poesia



Continuando o projecto da formadora Susana Ferreira de proporcionar alguma animação aos idosos institucionalizados, o Grupo de Cantares deslocou-se no dia 13 de Fevereiro do corrente ano, ao Lar de S. Bernardo. Foram interpretadas cantigas de cariz popular que os idosos acompanharam com entusiasmo e emoção.

No dia 20 de Março, o referido Grupo actuou no Lar para Seniores da “Fundação Casa do Pessoal da Segurança Social e Saúde do Distrito de Aveiro”, situado na Quinta do Casal, em Aradas.

GM

Foi no dia 21 de Março que um grupo de sócios e de amigos da Academia de Saberes, acolhendo a proposta do ex-presidente da Academia, Coutinho Dias, se encontrou na Marisqueira da Costa Nova para, depois dum saborosas entradas, degustar a ementa que os desafiara: lampreia, cozinhada com requinte e cuidado. Sabemos que os paladares variam, mas a palavra *deliciosa* foi a que mais se ouviu. Acolhedor foi também o convívio entre todos e que terminou ao sabor da poesia: vivida, sentida, dita e ouvida.

Valeu a pena!



Área de Comunicação

Clube de Inglês

Vamos falar em Inglês, cantar em Inglês, provar receitas inglesas! Foi o que aconteceu desde o Natal. Até tivemos um cozinheiro, neto da Anne Bartlett, que nos veio fazer “pancakes” que comemos com “lemon and sugar”. Uma delícia!

Porque não nos acompanham mais vezes? Teremos muito prazer na vossa presença. Aproveitamos para desejar a todos os colegas academistas uma Feliz Páscoa.

*Anne Bartlett
Lindonor*

Conversas e livros

1 – As dinamizadoras dos Clubes “Chá com Livros” e “Roda de Conversas” (Eugénia, Graciete, Ilda e Lindonor), promoveram diversas actividades de livre participação, abertas a todos os sócios interessados.

As sessões do “Chá com Livros” estão calendarizadas para a segunda sexta-feira de cada mês e as sessões da “Roda de Conversas” estão agendadas para a 4ª sexta-feira de cada mês, salvo imprevistos ou sobreposição de actividades.

Assim, na sessão do “Chá Com Livros”, do dia 21 de Fevereiro, o tema foi a obra literária de Sophia de Mello Breyner Andresen.

E, na sessão do dia 14 de Março, foram lidos e comentados alguns poemas de Sophia, ao gosto de cada um dos participantes.





Preparou-se também a participação de elementos da Academia e que frequentam este Clube na actividade designada “A Poesia saiu do Armário”, organizada pela Biblioteca Municipal de Aveiro”.

2 – Na sessão do dia 28 de Fevereiro da “Roda de Conversas”, o formador da área “Sociedade do Conhecimento”, Mário Rui Belo”, proporcionou-nos uma interessante palestra, apresentada em “data show”, sobre os “Media Sociais”.

Falou-se, sobretudo, da emergência a nível planetário da Internet, no mundo actual, das questões de segurança a ter em conta no uso e abuso das diversas redes sociais e também da dependência que a Internet pode criar aos utilizadores mais assíduos.

De salientar que esta sessão teve uma larga assistência.

GM

A Poesia saiu do armário

Elementos do Clube “Chá com Livros” desta Academia participaram no passado dia 24 de Março na actividade “A Poesia saiu do Armário”, organizada pela Biblioteca Municipal de Aveiro, para celebração do Dia Internacional da Poesia.

Para além de uma interessante exposição com peças de vestuário e objectos que continham poemas escritos, houve a leitura expressiva de textos poéticos de diferentes autores, nomeadamente, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Almeida Garrett e Fernando Pessoa.

Esta actividade foi abrilhantada com música tocada à guitarra pelo formador João Mónica.

GM



Mulher

(Tema envolvente da Área de Comunicação)

Maria

Sendo teu nome Maria, tem um M de Mulher;
Mulher com M maiúsculo,
Diferente de outra qualquer.

Quando o vento, ventania,
Com rajadas te fustiga,
Sais ilesa todavia;
– Como fora por magia
Escudo haver que te abriga –.

De alma firme de Fé
(Confiante num só Deus)

Arrastando a cruz de pé
Por trilhos segues – mercê
Dos desígnios dos Céus.

Se o destino com poder
Brama ruim de assustar,
Segura vais combater
Porque Deus te quis ceder
Força para o acalmar.

Silvia Paradela

Madre Teresa de Calcutá

Viveu segundo as leis da Caridade
Dando ao Amor diferente dimensão:
Nos lábios um sorriso de bondade,
Jesus dentro de si, no coração!

Viveu correndo atrás duma Verdade
Fazendo por cumprir nobre missão.
Espalhou a alegria, a felicidade,
Olhando cada um como um irmão.

Viveu em paz com todos e consigo,
Despojou-se de tudo qual mendigo
Para poder servir a toda a gente!

Por isso não passou sua mensagem
E hoje que partiu, a sua imagem
Continua na Terra bem presente!

Maria Celeste



Poema à Mulher Bela

Teu corpo de mulher bela
É um poema.
Poema de amor
Cheio de cor e sentimento
Poema de vida e alegria
Em constante movimento.
Teu corpo-poema

É viola que toca desejos
Que canta viveres
Que grita criações
Que cria mundos sem fim.

Teu corpo é um poema
Grande e belo.
Teu corpo-poema
É o mais belo poema.

G.A. (5-11-1967)

De flor se escreve Mulher

Um dia vou sair por aí, bem de madrugada, a colher as flores que brotam da terra esventrada, onde um pingo de chuva fez nascer uma pétala florida. E vou ficar espantada ao desvendar a menina feita *margarida* (flor da inocência) que surge do nada e cresce sem dar por isso. E vou perceber que um dia ela se veste de *anis* e acredita numa promessa que caiu do céu, em dia de bonança. Depois, na asa de um pensamento, vou colher um *amor-perfeito* e a menina será mulher. Aí, vou correr, a pé, pela estrada deserta e descobrir que cada mulher se traja de *açucenas* numa angústia de fim de tarde quando a calma tem cheiros a *alfazema* e a vida a obriga a colher flores de *alecrim* que lhe asseguram a coragem premente num dia em que o trabalho faz escravos sem direitos nem leis.

Mulher romance, numa amurada, olhando a onda que se desfaz num quase nada, numa *campânula* feita admiração dos que a vêem e não perdoam o ciúme dum *ciclâmen* ou o poder duma *coroa imperial*. E vou cantar a felicidade e passear por entre as *flores do campo* que quebram a brisa e adoçam a mulher que corre, corre, sem dar por nada ou sem o querer.

Depois, agarra um *gladiolo*, como um encontro desejado e ergue-se orgulhosa num *girassol* que se alteia diante da desgraça e se renega quando a *rosa branca*, menina inocência, vagueia por aí vestindo-

se de simplicidade e desnudando-se diante da sua irmã, a *rosa vermelha*, senhora paixão.

E lá vai, feita *dente de leão*, flor da vida, com uma *dália* ao peito, flor da delicadeza, e um amor ardente dum *cravo branco*, bem dentro do seu coração. Mulher desejo, mulher beleza, mulher música, mulher certeza e multidão. É nas esquinas, nos becos, no escuro da noite, à beira da estrada que vende o seu corpo e chora aterrada, feita *flor de laranjeira*, em dia cinzento, que o nevoeiro esmagou na mão. E aquela mágoa vai com ela, pela estrada fora, vai a correr e de mansinho, vai devagar, passa o caminho.

E de mulher se renova em mãe e aceita ser *jasmim*, flor da bondade sem fim. Colhe um *crisântemo* branco, flor da verdade e cobre-se com uma *dália rosa*, cheia de delicadeza. E dias há em que a tristeza a invade e corre a esconder-se num *jacinto* que se admira num riacho, ou num *junquilha* que se entrelaça sobre si mesmo e fica para ali a balbuciar *violetas* e a querer lealdades.

E mulher é mudança e medo e melancolia e mentira e verdade e acaso e afeição. E mulher é amante e *rosa vermelha*, paixão que germina numa angústia, numa ansiedade, numa ausência dum caminho que se cruza e se trança numa multidão feita criança, num coração ou numa crença numa felicidade que o futuro apetece ou quer.

Mulher que chora e já não cheira a flor, mulher que implora *túlipas amarelas* – esperanças de amor – e brisas de mil cores; e desejos, destinos e deveres e direitos. E mulher que implora quando a *papoila*, flor do sonho, a desperta e a empurra até à *mimosa*, flor da segurança, que lhe permuta revolução por razão, e liberdade por silêncios ou servidão.

E mulher é vento, é casa, é família, é certeza, é conquista e derrota, é cair e erguer-se, é distância e discórdia, é dor, é angústia, é existência, é uma *camélia* que se reconhece ou um *amarilis* que se orgulha, numa *anémone* que teimosamente persiste em viver de pé.

Mulher é subir em bicos de pés, até ao cume do êxito, sabendo que ao seu lado a desigualdade continua a fazer-lhe frente e a dificultar-lhe a caminhada. E aí se enfurece: é força, é raiva, é fim, é gênio e alquimia, é justiça e lágrima que cai, é noite e nascer do dia. Mas é também loucura e luta, é palavra, é livro que brota dum poema ou dum povo que acordou poesia. E, pobre heroína dum romance sem corda, ronda a ironia e cheira a passado numa paz sem perguntas ou numa prisão sem pressas.

E gera os seus filhos, e sorri ao futuro, e renasce em cada gargalhada, em cada esperança, em cada gesto,





em cada história, em cada ilusão. Mulher guerreira que lança as suas garras e fere quando a indiferença ou a injustiça lhes tocam ou a atiram ao chão.

E transforma uma *acácia amarela* – um amor secreto –, numa *adelfa* – uma sedução –, e com uma *camélia branca* – flor da virtude –, surge esplendorosa transportando a *flor-de-lis* cuja mensagem é a esperança dum dia novo numa galáxia diferente.

E mulher é riso, é segredo, é sombra, é paraíso, é o que for preciso e ainda *glicínia*, flor da ternura, ou *gerbera*, flor da alegria, ou *gerânio*, senhor do capricho ou da devoção. E mulher é recordação, realidade, resposta sem sono, é sofrimento, é tempo, é tentação.

Por vezes perde a força: um sentimento que se esgota, uma saudade que se instala, um segredo que se cicia, um silêncio que se chega e surge a solidão. Depois, descobre-se numa palavra, revolta-se contra a violência, insurge-se contra a vontade de ficar quieta à espera de nada que há-de chegar.

É mulher, é mãe, empresária de sucesso que sobe a pulso, degrau a degrau, o caminho que acalenta quem, na sua sombra, dorme e sustenta o destino dos que sem lei navegam, em mares revoltos, e saem impunes duma dúvida, dum erro, dum fracasso que se faz medo e humilhação.

E reinventa-se sempre que a vida lhe pede mais, perde-se, procura-se e encontra-se sempre que se levanta, sempre que nasce um dia novo ou a noite desce sobre a cidade. Por isto eu sei que não é mulher quem quer e ninguém escolhe ser mulher.

Albertina Vaz

Mulher

Vivida,
Evoluída,
Determinada,
Tolerante,
Edificante,
Encorajante...
Amada?
Incompreendida,
Humilhada,
Marginalizada,
Violentada,
Desesperada,
Resignada...
E, incondicionalmente apaixonada!

Conceição Neiva

A Mulher e a Violência

Mulher

Foste criada para gerar a vida.

Por que és alvo de morte?

Alvo de dor?

Por que és ferida, em tua carne?

Tua dignidade, em teu pudor?

Há algo de errado

Na nossa sociedade, evoluída.

Urge parar, para pensar

O que está mal, e é preciso mudar.

Para que os homens, enraivecidos

Não continuem a matar, a maltratar

As mães dos seus filhos,

O símbolo do seu amor.

Aida Viegas

Escrita Criativa

Fui ver nascer o Sol

Tinha decidido: amanhã vou observar o nascer do sol. E ainda as árvores do meu jardim se espreguiçavam no lânguido e pesado escuro, já eu, sorrateiro, me esgueirava pela artesanal porta do quintal. Queria, por inteiro e com todo o detalhe, presenciar o aparecimento do sol, entre a penedia das fráguas, o primeiro contacto da sua luz com a cortina verde dos freixos e amieiros adjacentes às águas do rio e ver a calculada reacção da seara verde das espigas, que ondulavam na ladeira do velho monte. Antes que a familiar escuridão desse qualquer sinal de se dissipar, assaltou-me uma inconsciente apreensão do que sucederia se o sol não viesse, por se ter enganado no seu percurso, por capricho da sua natureza, por se ter enredado e entretido em amores com alguma estrela jovem, que as deve haver lindas, - fruto das últimas explosões dos buracos negros! – ou, quiçá, por se propor assustar o seu sistema solar, nomeadamente a Terra ou qualquer outro planeta mais reguila ou mais distraído. Mas a razão respondia à minha apreensão imaginária, afirmando-me com o argumento da ostensiva tradição, que, sem GPS, o astro rei, embora já com alguns truques no seu “curriculum vitae” - a fazer acreditar milagres, por determinismo





ou ordem superior -, sempre foi fiel na sua rota, e, por isso, aceitava que a sua constância na pontualidade viria a ser por muitos milhões de séculos até se tornar insolvente de combustível, e obrigado a desaparecer por inacção ou esgotamento ou a fundir-se em ritos de magia e de esplendorosa luz.

Na minha natural limitação, cheguei ao cimo da enrugada e velha encosta em menos de meia hora, com passo bem meditado, e por ali fiquei, entre o contemplativo e o ansioso, a aguardar qualquer sinal anunciador da primeira réstia de luz, que testemunhasse a aproximação da força, do poder, e do fausto, do grande astro solar. A expectativa envolveu-me em afagos de um perfumado odor de plantas bravas, adoçando-me a derme com anunciados elementos que me pareceram de messiânica novidade de que algo ia acontecer. Ouvi com apreensão o quebrar do silêncio ainda meio adormecido, o contínuo e manso ressonar do rio, a afirmar e a lembrar, no fundo do vale, a sua presença, com a água, que se adivinhava, a esgueirar-se do açude pela garganta das grandes pedras ali expostas pelas razões da natureza, seguindo o caminho rasgado e ajustado, nos tempos idos, pela tenaz força do caudal. A lua sorradeira já se havia recolhido no seu quarto minguante, vestida de mistérios de penumbra, cumprido o percurso, sem ter deixado qualquer mensagem meteorológica digna de apontamento. Algumas casas da aldeia, com fumos enrolados a sair das chaminés, davam sinais de que alguém havia abandonado o aconchego do leito para se fazer ao dia, rente a chegar. A penumbra atenuou a sua densidade em jeito de compromisso de despedida. Senti ainda o esvoaçar de um pombo, a perseguir um outro que com ousadia se abeirara do ninho da sua companheira, aconchegada longamente ao longo da noite. E num ai, a natureza, já aclarada, rasgou-se em gigantesca janela, expondo a ponta de uma espada de vivo escarlata, como ponta de ferro incandescente retirado do núcleo da forja de ferraria, para projectar um jacto de luz. Num ápice, num clic, se fez dia com o sol a exhibir-se ao mundo, com majestade, senhor do seu reino, reabrindo as portas da sua moradia. A aparição do sol, tão sôfrego a acarinhar a sua noiva Terra, nela depondo o ósculo da promessa de transmissão de vida, era a prova demonstrada de que os astros, no seu esplendor, também têm intimidades, reacções e sentimentos. O sol mostrava-se feliz pela viva alegria com que a natureza o recebeu e despertou em festa, correspondendo ao estímulo da vigorosa luz anunciada. Era o reencontro de dois entes

condenados a cumprir astrologicamente o seu destino de harmoniosa e universal beleza até que o tempo, em felicidade comum, os esgote de seiva e luz. Sentia-se, então, o cheiro resinoso corrente dos pinheiros da colina, a tocarem-se reciprocamente, com a brisa do festivo alvorecer. Ouvia-se ainda o chilreio da estouvada passarada, a competir, com cabriolices, no voo picado, a caminho do banho, ora tangente ora secante na água mansa do rio. Viu-se o sorriso do sol a soerguer-se decidido, em colorida luz e altiva solenidade, atrás da crista aguçada das pedras que se erguiam na outra margem do rio e que protegem a aldeia da brisa matinal. O sol envolveu-me e beijava-me a face com o carinho de um sentido agradecimento por me alegrar em testemunhar o reino da sua glória, de silenciosa e benfazeja luz. E, com a alegria recebida, decidi ir mergulhá-la na água do grande açude, para surpresa do ainda ensonado Côa.

j. carroto lages

À Mãe

Flores e sol
Mãe, flores e sol
Eu sei que são suas paixões!
Mas haverá mais linda flor
Que um raio de sol criou
P'ra alegrar nossos corações?...

Mimos
Tantos mimos
P'ra dar a essas flores bonitas!
Postas ao sol na sua varanda
Aguardam suas palavras, seu olhar
Esse olhar tão doce e meigo
Que não as deixa murchar!...

Mãe
Eu queria ser onda
Ser sol!
Eu quisera ser tudo p'ra lhe dar!
Quisera ser gaivota numa viela
Andorinha sulcando o céu com seu piar
Eu quisera ser, enfim, a flor mais bela!...

Isabel Maria





Criar

Criar. Comunicar vida. Criança nasce. Nuvens de sol e alegria irradiam e tudo inundam. Soltam-se sorrisos, beijos e abraços entrelaçados. Nasce uma vida nova no interior de cada um. E já lá não cabe. Então trespassa vidraças e janelas e espalha-se ruas fora levada pelos ventos quentes e luminosos carregados de alegrias multicores.

Derrama-se amor, ternura, sorrisos. Até os choros se transformam em vida e as preocupações em união de família.

No silêncio dos sentimentos, grita-se felicidade. Grita-se família. O mundo expande-se, fica sem limites e os sonhos alargam-se, voam e criam outras realidades. O mundo fica cheio de cores e sons. Já ninguém cabe em si e rapidamente se salta para outra dimensão. A dimensão do Ser, a dimensão da Humanidade.

Criar é fazer brotar vida nova. É fazer brotar beleza. Beleza e luz.

Criar é fazer brotar de nós o que não cabe em nós.

M. Glória Simões

Meios de comunicação social

Sendo este jornal publicado no âmbito da disciplina de Comunicação, permito-me, ainda que saindo do tema proposto para este número, uma breve reflexão sobre os meios de comunicação social.

Foi há tempos publicada uma definição, que terá sido produzida por um estudante australiano, da tão conhecida expressão “politicamente correto”, segundo a qual se entende por politicamente correto uma teoria construída por uma minoria e rapidamente adotada pela imprensa, e que sustenta que é inteiramente possível pegar num pedaço de m**** pelo lado limpo.

Passe o exagero da caricatura, ela denuncia que os órgãos de comunicação social (escrita, falada e televisiva) são também veículos de informação condicionada, se não mesmo de desinformação.

As suas próprias manchetes são muitas vezes tão demagógicas como as palavras de muitos políticos.

Li algures que o jornal diário mais vendido em Portugal deveria vir acompanhado de comprimidos contra a ansiedade e a depressão, tal é a quantidade de preocupações que diariamente veicula.

Esta postura dos órgãos de comunicação social, particularmente por parte dos jornais de difusão nacional, resulta, entre outras possíveis causas, especialmente do facto de que os seus leitores

quererem sobretudo ler o que lhes soa bem, do mesmo modo que votam nos políticos que lhes fazem as promessas que querem ouvir. E, tal como os políticos querem ser eleitos, os jornais precisam de vender.

Darlindo Lucas

O que é a Beleza?

A beleza, do mundo físico,
É o resultado natural
Do respetivo equilíbrio, harmonia,
Que inspira sentimentos
De admiração, prazer, alegria...
No entanto, é tão efémera!
Já a pouco valorizada
Beleza intrínseca,
A da “Essência” de tudo e todos,
Ou seja, a cor de que se pinta a “Verdade”,
É perfeita, única, eterna!
Aproxima o homem do “Criador”
Ao transmitir paz e incomparável felicidade...
Mas, só é percecionada pelos olhos da “Alma, do Amor”!
Não será esta, a autêntica, a desejável?

Conceição Neiva

A Nelson Mandela

Morreu Nelson Mandela
Mas a sua alma de lutador
Não morreu!
Uma vida de luta pela liberdade,
Pelas diferenças de raça,
As desigualdades sociais
São algumas das suas conquistas
Que o mundo lhe reconheceu!...

Homem conciliador, afectuoso
De sorriso aberto para todos
É um exemplo de simplicidade
De quem soube vencer
Sem violência e sensatez
Lutou pelos direitos do homem
E o mundo lhe agradeceu!...

Com estas minhas palavras
Escritas em forma de poema
Presto-lhe a minha homenagem!
E pela sua vida de luta
O mundo nunca o esqueceu!...

Isabel Maria





Silêncios

Forçoso é
Fazer silêncios tão compridos!
É preciso calar com tanta força
Finos silêncios
Que ecoam em paredes de vento
Gritos que rasgam céus
Quedando-se esmagados
Em corações de cristal
Duros como diamante.

Silêncios! Silêncios!...
Que ferem sendo bálsamo.
Estancam correntes.
Calam coros de aflições.
Embalam e cegam.
Subjugam e esmagam.
Rasgam e quase saram.

Duros silêncios...
Indecifráveis.

Quem os não sente?
Os não refreia?
Os não domina?
Os não mima?

Os seus... Silêncios...

Aida Viegas

Fim de tarde

Fim de tarde, dum verão a querer portar-se bem.
Uma doce temperatura e uma brisa suave.
O Sol quase beijava o mar, colorindo-o de tons
vermelhos, amarelos e alaranjados.
Na praia, um silêncio quase absoluto, não fosse o
"palrar" das gaivotas, que aí aterravam em bandos,
desfrutando, finalmente, do areal deserto...
Bem próximo, as redes espreguiçavam-se, na areia,
e os barcos descansavam até à próxima faina.
A contemplação deste quadro só podia trazer paz
interior; uma autêntica meditação!

Maria José Pereira



Postal da neta Joana

Março de 2014

Querido avô

Não sei o que hei-de dizer porque desta vez tens falado pouco das tuas lições de comunicação será porque tens faltado mais vezes ou já estás velho para aprender?

Ou tens a mania que já sabes tudo?

Se fosses lições de futebol não faltavas de certeza porque o Jesus do Benfica não escreve livros para estudarem só fala na televisão não dá trabalhos de casa e pelas caras que faz não deve dizer nada para as pessoas aprenderem nem para as pessoas acreditarem. Se tu andas na comunicação onde deves aprender a falar para os outros entenderem nem o devias ouvir mas é lá contigo.

Não te quero dar conselhos (concelhos aqui não tem c de cão pois não?) mas vou pedir à avó para te dizer que tenhas juízo e aprendas coisas boas que vêm nos livros e outras pessoas falam na televisão. Estás sempre a dizer para eu estudar e só te vejo a ver televisão.

Quando falar com a avó pelo telefone que não se paga vou perguntar se lês mais.

Agora vem aí a páscoa dos ovos e dos folares mas eu gosto mais dos ovos de chocolate não te esqueças.

Um beijo
Joana

Cachim





Imagens

1

A sala é um lugar de silêncios,
um lugar onde as palavras
se cansaram de esperar.

Junto à janela, uma mulher
bordando asas.
Escutarão os seus dedos o pensamento dos
pássaros?

2

Cortinas de renda coam a luz
e a luz ameiga-se
sobre as mãos que bordam.

Mãos silentes, horas a fio cruzando fios,
prendendo voos
num rectângulo de linho cru.

3

De frente para a janela,
rosas vermelhas ensaiam bocejos,
o seu perfume envolto em espinhos.

Todas as gavetas da sala fechadas.
Em qual delas guardará a mulher, impecavelmente
dobrados, os sonhos de cada dia?

Helena

Escrita lúdica – a necessidade de escrever

A área da Comunicação pôde contar com uma oficina de Escrita Criativa proferida pela Prof.^a Fernanda Rendeiro, no passado dia 19 de Fevereiro. Após nos ter apresentado várias teorias sobre Escrita Criativa (a que prefere chamar Lúdica na medida do prazer que proporciona a quem a pratica) falou-nos de alguns autores que se têm dedicado a este tipo de escrita, nomeadamente Pedro Sena Lino, um dos seus percussores em Portugal. Fez um paralelo entre os livros que vendem muito e as grandes obras literárias, dando como exemplo um livro que, à data, foi um grande sucesso editorial – Rosa do Adro de Manuel Maria Rodrigues – e uma obra que hoje ainda se lê com uma actualidade quase chocante – os Mais de Eça de Queiroz. Do

primeiro ninguém se recordava e, afinal tinha sido um sucesso de venda à época em que foi feito.

Dissertou acerca do mundo comunicacional em que vivemos e da necessidade de silêncio que a escrita nos proporciona, do espaço de reflexão a que obriga e da urgência de nos resguardarmos, dentro do ruído que nos incomoda, escrevendo. Em conclusão, salientou que alguns autores atravessam, com prazer, o longo percurso da escrita lúdica à obra literária.

Concluindo deixou-nos a ideia de que literatura é tudo o que fica, que incorpora a cultura, a civilização e a língua do país a que diz respeito.

Por fim, terminou com um desafio a todos os presentes: concentração profunda e elaboração de um texto que lhe deveria ser remetido. Para fazer o quê? Uma dúvida que ficou a circular e de que um dia, certamente, teremos alguma resposta.

Albertina Vaz

A Poesia

Bate-me à porta a poesia
Sem pré-aviso, assim:
Seja de noite ou de dia
– Qual mágica terapia –
Vem até junto de mim.
Se me emaranha o escuro
Que mora em meu coração,
A luz dela não descuro,
Com sua força o esconjuro,
Dele é a minha evasão.

E nela me refugio,
É terna consoladora;
Como um manto macio
Cobre da minh'alma o frio,
Lembra-me Nossa Senhora.
G. Lorca diz ser mistério
E que anda pela rua;
Que tem voz vinda do etéreo
Cujo eco, do espaço aéreo,
Por todo o mundo flutua.

Em qualquer dobrar de esquina
E em tudo que a vida traz,
Tão simples como a bonina
Dela há ligação divina
Diz também Octávio Paz.
Hoje, e aqui, os versos meus
Deste canto que me guia,
Eu envio para os céus
Na busca dos mimos teus:
– Sem ti não vivo, POESIA.

Sílvia Paradela





“Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás-de...”

Fernando Pessoa / Álvaro de Campos in “Cem Sonetos Portugueses”, Pág. 82.

Recado à Daisy

Olha, Daisy: quando eu morrer tu pensas
Que fui ali, à esquina, comprar tabaco,
Que me escapei de casa, sem dar cavaco,
Mas que voltarei já, sem mais detenças.

Vendo bem, não são muitas as diferenças
Entre a morte e a queda num buraco
Da rua em que rasgamos o casaco
E o corpo sofre mais outras ofensas.

Insulta-me: “És canalha e mentiroso!!!
Seu traidor!!! És um traste e cão raivoso!!!
Até que enfim, me vi livre de ti!!!”

E não indo a saudade à tua porta
Quando a minha lembrança for já morta
Não vale a pena, então, ver que eu morri.

Domingos Cardoso

As nossas Leituras

A misteriosa Mulher da Ópera,
de Afonso Cruz, Alice Vieira, André Gago,
Catarina Fonseca, David Machado, Isabel
Stilwell e José Fanha

Sete autores, catorze mãos, sete personagens inesquecíveis, catorze capítulos, possivelmente dois para cada um dos autores. Quem escreveu o quê? Uma incógnita. Todavia, os narradores, na primeira pessoa, em cada um desses capítulos, que têm por título o nome das personagens principais (Roda, Juvenal, Bobrov, Kiki, Madame Nicolai com trema, Ninette, Rogério), não deixam, por mãos alheias, a missão de desventrar cada uma dessas personagens. Depois, é o apresentar das peças do *puzzle*, usando adequadamente o *sal e a pimenta* que agarram o leitor do princípio até ao fim desta narrativa carregada de mistério e de humor. Um quase policial cuja trama joga ao esconde-esconde com as personagens, os seus actos, as suas palavras e os seus silêncios. Mas, de acordo com o subtítulo, *De uma coisa podemos ter a certeza: as coisas não são como são*. Todavia, é só no final que, mesmo sem a

acção de um detective, uma personagem desvenda o verdadeiro assassino. Uma personagem fria, ignóbil que displicentemente afirma: *A Ninette e a Mariana ter-me-iam destruído, se eu não as destruisse, e teriam igualmente destruído a Mena. Ao matá-las, eliminei a semelhança, a variação, e estabeleci a unidade. Vivo, pois uma vida boa* (p.293).

Com recurso a analepses, numa linguagem clara e sem grandes artificios, o texto permite, todavia, algumas reflexões. De salientar, ainda, em meu entender, a capacidade que os diferentes autores tiveram de não se deixarem trair pelas palavras, de manterem o anonimato. **Quem escreveu o quê?**

Maria Cacilda Marado

CHEGOU A PRIMAVERA!



A Carta

Através da vidraça
Eu olho o meu jardim
Chegou a Primavera e seu perfume
Vem até mim na brisa quando passa...
Recordo o nosso Amor,
Presente em cada canto
E pensei escrever-te.
Peguei na cameleira
A transbordar de cor,
Ardente de alegria;
Peguei na laranjeira
Brilhando ao sol dourado;
Peguei no rouxinol cujo trinado
Ecoa tão contente,
Chegando a todo o lado;
Peguei nas andorinhas
Que dentro do beiral fizeram ninho
Mesmo na minha frente
E meti-os a todos no Poema
Que hoje te vou mandar
Com todo o meu carinho;
E quando o leres por fim,
Recorda-te de mim
E entra nessa manhã de Primavera
Dentro do meu jardim...

Maria Celeste

